

DISCURSO E TEXTO

META

Apresentar relações entre discurso e texto.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

mostrar como um texto recorta diferentes regiões de sentido e constitui o sujeito afetado pelo interdiscurso em diferentes formações discursivas.

PRÉ-REQUISITOS

As aulas anteriores e noções elementares sobre texto.



(Fonte: <http://osaprendizes.files.wordpress.com/2008/05/escrita22.jpg>)

INTRODUÇÃO

É preciso considerar que um texto não é definido por sua extensão, mas por seu caráter significante. Por exemplo, o nome “Aracaju” no mapa do estado de Sergipe é uma unidade de sentido que recorta relações específicas com as demais unidades daquele *contexto*: remete nossa memória a demarcações geográficas, políticas, históricas. A mesma unidade “Aracaju”, estampada em uma camiseta, recorta outras memórias pela própria inscrição em outras relações: turísticas, por exemplo. O princípio básico que nos coloca diante da noção de texto é o fato de que ele é uma unidade que produz efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 2000, p. 68-73).

Mas é preciso considerar a existência do *efeito texto* produzido por regularidades de organização e encadeamento mais longo entre partes: a frase, o período, o parágrafo, as seções, os capítulos etc., estabelecendo “um sentido configuracional e a determinação de um propósito argumentativo” (DAD, 467). Quando lemos, estamos sob o efeito dessas regularidades. Estamos em busca do que o autor quer, não é mesmo?! Por isso, pragmaticamente, sempre nos perguntamos “o que o autor quis dizer?”. Mas, para a AD, é preciso considerar não apenas a dimensão pragmática das intenções reconhecíveis. É preciso compreender o interdiscurso, ou seja, a “razão de ser” daquelas seqüências lingüístico-discursivas que constituem o sujeito.



Mapa de Sergipe, destacando Aracaju
(Fonte: www.telefone.inf.br)



Aracaju
(Fonte: www.drikabio.com/wp-content/uploads/2008/01/564px-monumento_aracaju.jpg)

DISCURSO E TEXTO: ARTICULAÇÃO ENTRE PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO

Para estudarmos um texto do ponto de vista discursivo é preciso:

- a) Voltarmos nossa atenção não apenas para o estudo das relações entre dados lingüísticos, mas para o fato de que o texto sempre reinscreve a relação língua/história;
- b) O interesse pelo discurso deve ser concentrado na articulação entre os diferentes processos de significação que acontecem no e pelo texto significando o sujeito em práticas. Esses processos, para além da situação de comunicação, inscrevem o sujeito na complexa rede de formações discursivas. E isso implica considerarmos diferenças.

Por exemplo, o suporte é oral, é escrito (manuscrito, livro etc)? O texto é acadêmico, é religioso, sindical, ou é jornalístico etc!? Os textos trazem regularidades específicas dessas instituições. Por exemplo, certos textos acadêmicos trazem apresentação, resumo, sumário, introdução, citações centralizadas, notas de rodapé etc. Um manifesto sindicalista traz outras regularidades.

Todas essas especificidades, entre outras, precisam ser consideradas. É por isso que o estudioso do discurso precisa analisar formas materiais.

Um exemplo

Para estudar o texto abaixo, importa considerar o fato de tratar-se de um produto jornalístico trazendo regularidades próprias das textualizações jornalísticas. Basta pensar sobre as regularidades no texto tendo em vista as técnicas de composição de uma manchete, ou o fato de o texto vir situado (categorizado) no “caderno cotidiano”. Ou ainda, o princípio discursivo de certos textos jornalístico “ouvirem os dois lados”, as partes envolvidas no fato, e trazer essas vozes entre aspas etc. Essas práticas estão materialmente em jogo.

Vejamos o texto “publicado no jornal Folha de São Paulo em agosto do ano passado. O caro aluno pode ler primeiro o texto/objeto e em seguida os comentários que faço a respeito. Destaque para três formações discursivas.

O DISCURSO DO NAMORO E DO POPULAR

Do 1º parágrafo, interessam os processos de significação que filiam o sujeito à formação discursiva do popular: “sacola de supermercado”, “lanche da tarde”, “copeira”, “servente”; os nomes próprios: Maria, Santos etc. que filiam o sujeito do consumo a determinadas regiões de sentido, formações discursivas estabelecendo fronteiras discursivas. Mas nos parece, caro aluno, que essa dimensão é mais ou menos controlada pelo autor, as predicções do sujeito do consumo estão por toda parte no texto (faça um quadro de predicções).

O discurso do namoro vem especificado na relação entre casais pelo enunciado “de mãos dadas com ela” (1º parágrafo). A textualização em seu fator fundamental, a anáfora (DAD, 36) faz os sentidos deslizarem pela relação entre indivíduos no 2º parágrafo, onde os sentidos do namoro reaparecem com “o casal não teve resposta” e vai ao 4º parágrafo com “o casal Derly e Maria tomou...”.

Mas desse processo de significação, ou seja, da relação entre indivíduos, os sentidos são reescriturados, já no 3º parágrafo, em outra dimensão. A palavra “namoro” ressignifica os parágrafos anteriores. O namoro reaparece significando relações entre classes sociais e o shopping: “o namoro das classes D e E... com o Cidade Jardim”. Para o estudioso da relação texto/discurso essa mudança de dimensão é decisiva.

A questão é que uma vez nessa dimensão, o discurso do namoro opera em processos de significação que constituem fronteiras no sujeito. O discurso do namoro significa no sujeito os sentidos daquele que “quer conquistar”, quer expandir sua fronteira.

Nessa direção, no 6º parágrafo, com o enunciado “X atçou a curiosidade de Y” vêm os sentidos de excitação, estímulo, desejo de alcançar, de conquistar no sentido mesmo do domínio do outro. Lembrando que “atçou” significa também um efeito de sentido do inesperado, do impensado, significa “ter que arcar com as conseqüências”. O fato é a reescrituração de significações restritivas, ou seja, significações que estabelecem limites no sujeito.

Digamos que esse processo que está no quadro de predicções do sujeito do consumo, até certo ponto vem pela dimensão pragmática das intenções reconhecíveis, quer dizer, o autor Vinícius Queiroz Galvão tem o propósito argumentativo de apresentar as diferenças no sujeito do consumo. Mas a análise precisa mirar na direção do interdiscurso que afeta o sujeito enunciativo a revelia de suas vontades conscientes. O estabelecimento de fronteiras discursivas no sujeito, filiado a diferentes formações discursivas, é o fundamento do texto.

O deslocamento de sentidos do namoro entre indivíduos para o “namoro social” significa no sujeito a conquista, a posse, o domínio. Como é

possível verificar, esse deslocamento se dá através de repetições e ressonâncias discursivas (Serrani, 1993; Authier-Revus, 1998).

(ver Box: A pesquisadora Silvana Serrani-Infante se dedica a questões discursivas no ensino de línguas. A categoria ressonância interdiscursiva, por ela introduzida, é um importante instrumento de trabalho para o analista. As seqüências linguístico-discursivas são estudadas a partir da atenção concentrada nos lugares em que fica marcado o percurso da repetição na linguagem; nessa direção, os estudos sobre meta-enunciação realizados por Jacqueline Authier-Revus em seu *Palavras Incertas* (1998) também são importantes)

- a) Itens lexicais presentes no discurso como equivalentes ou sinônimos, ou ainda, construções lingüísticas parafrásticas;
- b) Estratégias discursivas, recorrentes modos de dizer para a representação de referências no discurso, modos de dizer recorrentes no discurso.

O DISCURSO DO (DES) CONHECIMENTO

No texto em estudo, o discurso do (des) conhecimento atravessa a textualidade inscrevendo o sujeito em uma formação discursiva que o limita: o sujeito “pergunta”, “intriga-se” (1º parágrafo), “não tem resposta” (2º parágrafo), “sem entender muito bem” (6º parágrafo), “só para conhecer” (7º parágrafo, nesse caso os sentidos deslizam para um sujeito do consumo, não-consumidor: “para passear pela primeira vez” no 2º parágrafo, e “olhos na vitrine” 1º parágrafo). Vejam que nesses dois últimos os sentidos do conhecimento aparecem na verdade como reconhecimento do território do outro, ou do outro como estando no território do eu. São sentidos que ressoam à textualidade.

Diferentes modos de dizer constituem o sujeito no desconhecimento. O conhecimento o identifica, o desconhecimento o exclui. Nesse interdiscurso, o discurso da língua é histórico. Saber ou não os nomes estrangeiros das lojas constitui o sujeito, significa o sujeito nessa divisão entre os que sabem e os que não sabem a (s) língua(s). Nesse sentido, o estrangeiro, ou seja, o estranho é mesmo o casal, as classes D e E. Saber “a língua do outro” esses sentidos que têm uma longa história constituem uma fronteira no sujeito, uma formação discursiva pela fórmula disjuntiva: conhecimento/ não-conhecimento (Pêcheux, 1997). Saber ou não saber eis o interdiscurso.

O DISCURSO EXPLICATIVO (O COMO E O PORQUÊ DO OUTRO)

Também nessa direção que divide o sujeito vêm os parágrafos 3º e 4º significando um “monitoramento detalhado/explicativo do sujeito”. Os parágrafos explicam como os indivíduos das classes D e E chegaram até o shopping. O que temos nesses parágrafos é um passo a passo na “transposição da fronteira” para chegar ao shopping Cidade Jardim, fronteira entre o eu e o outro. Os parágrafos explicam como aquelas pessoas chegaram até ali. De modo que o sujeito do consumo é constituído como afetado pelos “percalços de uma saga”, como aquele que enfrenta dificuldades de uma origem impen-sada: “começou com a criação de um ponto de ônibus” (3º parágrafo), a origem é um erro: “foi um tiro no pé” (8º parágrafo) e, diante de tantas dificuldades, o desfecho vem com um prêmio: chegar a “um dos empreendimentos mais comentados dos últimos tempos em São Paulo” (4º parágrafo).

Esses processos de significação são fundamentais, por isso precisamos detalhá-los. Observemos que há uma contradição, uma falha própria da ordem discursiva (as relações contraditórias entre espaços públicos e privados, entre as posições do sujeito trabalhador/ consumidor). A ruptura é exposta na materialidade da linguagem: um ponto de ônibus “para atender funcionários”, não consumidores. Note-se que os dêiticos operam de modo bastante particular essa divisão entre o espaço público e o espaço privado limitados pelos “param por ali” (3º parágrafo)/ e “descer por lá” (4º parágrafo).

Note-se que tendo em vista esse ali/lá, todos os enunciados do texto significam um “aqui” e, nisso, é importante observar que uma posição construída para aquele que está falando no texto, situa o sujeito enunciativo no espaço privado (o jornalista teria feito a matéria no Shopping?!). Temos aí uma divisão contraditória do sujeito afetando o indivíduo: de um lado o funcionário, de outro o consumidor.

Em fim, qual é a “razão de ser” desses sentidos? Por que contar essa história do como os indivíduos chegaram ao shopping? Por que a textualidade abre espaço para esses sentidos que vão da origem à conclusão? Eles são explicativos. Vide o último enunciado. “E assim [as classes D e E] chegaram a um dos empreendimentos...”.

Sem entrada de pedestres, shopping para classe A vira atração para classe D

VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO

1

Com uma sacola de supermercado que trazia o lanche da tarde na mão e os olhos na vitrine da joalheria Tiffany & Co, a copeira Maria Barbosa pergunta: “Essa loja é de quê?” De mãos dadas com ela, o servente Derly Santos também se intriga, desta vez com a bombonière Chocolat du Jour. “Como se pronuncia o nome dessa loja?”

2

O casal não teve resposta, mas isso pouco importa. Eles estavam lá, num sábado de folga, para passear pela primeira vez entre as lojas do shopping Cidade Jardim. Projetado sem praça de alimentação e sem entrada de pedestres para se restringir ao público A, o complexo de R\$ 1,5 bilhão virou atração para a baixa renda.

3

O namoro das classes D e E, pessoas com renda familiar média de R\$ 580, com o Cidade Jardim começou com a criação de um ponto de ônibus na marginal, em frente ao shopping, para atender os funcionários. Linhas como Jardim Ângela e Terminal Santo Amaro param por ali.

4

Foi uma dessas que o casal Derly e Maria tomou para descer por lá. Como não podiam atravessar a marginal do rio Pinheiros, tiveram de fazer uma baldeação na avenida 9 de Julho pagando só uma passagem com um bilhete único. E assim chegaram a um dos empreendimentos mais comentados dos últimos tempos em São Paulo.

5

Aquele que se anuncia “o mais luxuoso do país”, o Cidade Jardim tem lojas de grifes como Chanel, Armani e Rolex, algumas inéditas.

6

E foi justamente essa exclusividade e sofisticação que atiçou a curiosidade das pessoas que não são o público-alvo do shopping, por assim dizer, e passeiam por ali sem entender muito bem os preços altos de Hermès e Louis Vuitton. Ou ainda a sinalização bilíngüe, em inglês.

7

“Só tem loja estrangeira, queria que tivesse uma Marisa. A gente que é da periferia vem só para conhecer. No shopping Ibirapuera não discriminam tanto quanto aqui”, diz Maria. “Pela maneira que me olham já percebo que é diferente”, afirma Derly.

8

“Foi um tiro no pé”, reclama a designer e socialite Andréia Albuquerque Magalhães sobre a diversidade do público do shopping, o que tem deixado ela e as amigas danadas da vida.

9

“Olha a Daslu, está toda revirada, parece uma dessas lojas mais populares. Na Vila Nova Conceição não era assim”, diz a produtora Patrícia Aguiar sobre a boutique multimarca -âncora do shopping.

10

“Nossa intenção sempre foi fazer um shopping bacana para cidade. Fico feliz mesmo de ver todo tipo de gente. Acho o máximo”, afirma Sharon Beting, diretora do shopping. “Isto é inédito”, é o slogan do Cidade Jardim.

Texto publicado no jornal Folha de São Paulo, caderno Cotidiano, em 03/08/2008; disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0308200824.htm>

Com perspectivas teóricas distintas das que vimos, muitos trabalhos são dedicados a questões sociais, os preconceitos, as injustiças etc, vejamos.

LINGUAGEM E QUESTÕES SOCIAIS

A Análise Crítica do Discurso (ACD) tem uma linha de filiação histórica com a chamada lingüística crítica do final dos anos de 1970 para quem as “as relações sociais influenciam o comportamento lingüístico e não-lingüístico dos sujeitos, incluindo a sua atividade cognitiva” (GOUVEIA, C. A. M. s/d).

Para a ACD “a sintaxe, por exemplo, pode codificar uma visão do mundo particular, sem qualquer escolha consciente por parte dos falantes; ao mesmo tempo, sendo derivada da relação que os falantes têm com

as instituições e a estrutura sócio-económica das sociedades de que fazem parte, tal visão é-lhes disponibilizada e confirmada pelo cunho ideológico dessas mesmas sociedades (Fowler & Kress, 1979: 185).”

Nesse caso, a ACD traz para o centro de seus interesses os significados sócio- ideológicos e as suas realizações textuais e a linguagem é mecanismo de reprodução e auto-regulação social.

Dentre os trabalhos da década de 1990 temos estudos voltados para as formas de poder entre as culturas, os sexos, as raças, as classes sociais Van Dijk, 1993; Wodak, 1996, 1997; anti-semitismo Sarfati, 1999.

CONCLUSÃO

Estudar discursivamente um texto requer uma análise das relações entre diferentes regiões de sentido. É preciso verificar como, para além dos propósitos argumentativos do autor do texto, sentidos vão constituindo o sujeito a partir das práticas sócio-históricas. O texto em questão significa uma divisão do sujeito do consumo. Os processos discursivos funcionam significando o sujeito social em diferenças, em práticas sócio-históricas. Temos o shopping, a classe A e as classes D e E significados de modos distintos e específicos. Como vemos, os processos de significação trazem e constituem diferenças conflituosas históricas: os antagonismos entre classes sócio-financeiras, ou seja, os processos de significação que nas relações língua(gem) e discurso constituem o sujeito em “tipificações de classes de consumo”. É uma formação discursiva mais ampla, universal: estamos diante do interdiscurso.

RESUMO

Vimos que para a AD, quando lemos, além dos propósitos argumentativos do autor de um texto, estamos expostos a efeitos de sentido próprios das regularidades do texto. Um e-mail não tem as mesmas regularidades de um editorial jornalístico. Vimos que o texto sempre reinscreve a relação língua/história afetando o sujeito a partir de diferentes processos de significação articulados à complexa rede de formações discursivas. No texto estudado, vimos como diferentes regiões de sentido (o namoro, o popular, o conhecimento e a explicação) estão articulados na constituição do sujeito. Vimos que textualmente, essa articulação se dá entre pontos de diferentes dimensões (por exemplo, do namoro entre indivíduos os sentidos deslizam para o namoro com o shopping; ou do tempo presente dos dois primeiros parágrafos os sentidos deslizam para um passado) E para que tais articulações ocorram, as repetições e ressonâncias são fundamentais.





ATIVIDADES

Como é possível verificar, o estudo que fizemos do texto não é conclusivo. Há regiões de sentido pouco exploradas, por exemplo, os últimos três parágrafos. Procure avançar nas análises tendo em vista o que fizemos.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. **Languague and power**. London: Longman, 1992.
- _____. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB Editora, 2001.
- GOUVEIA, C. A. M.. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico. In: Disponível em: <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/HCC.pdf>>
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, Pontes, 2000.
- REBOUL, O. **O slogan**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1986.
- SERRANI, S. M. **A Linguagem na pesquisa sócio-cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- SILVA, D. E. G. Motivações cognitivas e interacionais em competição: a força das palavras em contexto.
- VAN DIJK, T.A. O poder da mídia jornalística. **Palavra** 4:167-187, 1997.
- Sites
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502005000300007&script=sci_arttext&tlng=pt.
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0308200824.htm>